



MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO
Secretaria de Política Agrícola
Departamento de Economia Agrícola
Coordenação-Geral de Estudos e Informações Agropecuárias

Informativo sobre a Estiagem no Nordeste - nº 26 28/12/2012

1. Estiagem Nordeste: Agravamento da crise

A estiagem no Nordeste atingiu uma fase crítica, comparável às maiores já registradas. O produtor rural perdeu a safra agrícola e tenta salvar o rebanho, mesmo com as fontes d'água e pasto se exaurindo. Na pecuária leiteira os donos de vacarias ainda resistem apesar dos prejuízos. Muitos terminam vendendo animais de boa genética leiteira e a atividade é interrompida, ficando abandonados equipamentos de ordenha e tanques de resfriamento. Inicialmente as pequenas propriedades se desestruturam como unidades produtivas e entram em colapso, no que são seguidas pelas médias e grandes com o agravamento da crise. Como consequência, agrava-se o desemprego no campo e aumenta o êxodo rural. Outro grave reflexo é o abandono das instalações, máquinas, equipamentos e veículos. Por fim, os próprios donos abandonam as propriedades e se mudam para as cidades.

A mídia vem dando ampla cobertura da situação em seus noticiários. São rotineiras as cenas de animais mortos pela fome e pela sede, ou então a população em fila permanente junto aos carros pipa, com baldes na mão, esperando pela cota d'água; açudes e barragens vazias com o solo rachado; fila de criadores esperando receber a sua cota de milho subsidiado, distribuído pela CONAB e reportagens sobre as dificuldades pelas quais passa a população, relatando os sofrimentos de cada um.

2. A crise chega às cidades

As cidades do interior são também duramente atingidas pela estiagem. Não havendo safra no campo os produtores não compram e nem vendem, diminuindo o movimento do comércio, com prejuízos, desemprego e até fechamento de lojas. O comércio é fortemente afetado, pois as outras fontes de renda como aposentadorias, programas sociais, e salários de servidores públicos, embora sejam fontes importantes, não substituem as rendas vindas do campo. Nos anos normais os produtores rurais vendem a sua produção e compram veículos, máquinas, equipamentos, insumos agrícolas, eletrodomésticos e uma variedade de outros produtos. Faltam clientes e os comerciantes estimam uma queda de 50% nas vendas, a pior já registrada..

Em muitos municípios os mananciais secam ou baixam para níveis fora do alcance do sistema de captação da rede pública e o suprimento d'água é interrompido. A água passa a ser fornecida por carros pipa, solução precária que não substitui o suprimento normal, em quantidade ou qualidade, mas é a única alternativa. Com frequência falta água para as atividades cotidianas de preparo dos alimentos, lavagem de roupa e higiene nas residências e para o funcionamento da cidade em geral, prejudicando as atividades de escolas, creches,



MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO
Secretaria de Política Agrícola
Departamento de Economia Agrícola
Coordenação-Geral de Estudos e Informações Agropecuárias

hospitais, abatedouros, restaurantes, fazendo com que adaptem suas atividades ou até fechem. Há casos em que os professores transferem os conteúdos escolares para serem feitos nas residências dos alunos, com acompanhamento dos educadores, a fim de não prejudicar o calendário escolar. Exemplos semelhantes de adequação às circunstâncias podem ser observados em outras situações. Funcionários de vigilância sanitária do governo chegam a classificar fontes de água como impróprias para o consumo humano, conselhos nem sempre seguidos diante da falta de alternativa.

O problema da falta d'água avança com o agravamento da estiagem, no meio rural, nas comunidades isoladas e até nos centros urbanos mais populosos. Este fato pode resultar em crise de maior dimensão caso as chuvas não cheguem a tempo. Surge o serviço particular de venda d'água em carros pipa, que também não atende à demanda da população. As condições sanitárias precárias dos banheiros residenciais e públicos ameaçam a saúde da população

Contudo, o sofrimento da população é, até o momento, menor se comparada à situação atual com a de outras grandes estiagens do passado, devido aos programas sociais, que permitem uma renda mínima para a subsistência das pessoas mais necessitadas. Não há fome, saques, invasão de mercados, nem movimento migratório acentuado.

3. Retomadas das atividades com a volta das chuvas

O patrimônio rural está sendo destruído pela estiagem e não há solução para amenizar os seus efeitos, apesar da ação dos governos federal e estaduais. O montante das perdas na pecuária de corte e leite, em quantidade e genética, é muito elevado, embora ainda não contabilizado. Há desânimo e dúvida dos produtores e associações de classe na possibilidade de recomposição dos rebanhos nos moldes anteriores e de dar continuidade à atividade com a chegada das chuvas.. O alto custo da ração para manter os rebanhos inviabiliza a atividade pecuária, mesmo em propriedades mais capitalizadas.

Está havendo desestruturação das propriedades como organizações produtivas. A retomada das atividades exige investimentos altos para recompor os rebanhos de corte e leite. As dívidas elevadas precisam ser renegociadas, as propriedades dadas como garantia de empréstimos. Para piorar a situação a pecuária nordestina não concorre em custos de produção e qualidade com a das regiões limítrofes, de práticas mais avançadas. As redes varejistas do Nordeste compram carne oriunda de outras regiões. Há muitos fatores que desestimulam os criadores para a retomada das atividades.



4. Quantificação das perdas da agricultura regional

O Semi árido foi atingido por uma das maiores estiagens das últimas décadas. As demais sub regiões nordestinas, como Zona da Mata, Agreste, Cerrado e a Pré Amazônia, sofreram os efeitos da estiagens com menor intensidade. Alguns produtos têm seu cultivo concentrados em áreas específicas, como soja no Cerrado, cacau e cana-de-açúcar na Zona da Mata.

A Tabela 1 abaixo é um extrato da avaliação do levantamento de safra do IBGE para uma seleção dos produtos, onde indicadores mostram os resultados da comparação percentual da produção dos anos de 2011 e 2012, medidos no mês de outubro.

Tabela 1

Nordeste: Variação (%) da produção entre os meses de outubro 2012/2011

PRODUTOS AGRÍCOLAS	MA	PI	CE	RN	PB	PE	AL	SE	BA	NE
Algodão Herbáceo	22,2	31,2	-89,1	-77,4	-8,3	-22,2	-25,9		-20,0	-17,0
Amendoim em casca(*)			-87,4		-118,1			-15,2	-16,0	-24,4
Arroz em casca	-37,1	-51,1	-45,0	-41,0	-30,1	11,5	-0,7	30,8	-28,3	-38,5
Cana-de-açúcar	12,8	-3,7	-4,2	15,6	1,3	-1,2	-5,2	-0,5	21,7	1,0
Cacau									1,7	1,7
Café (*)			-22,2			-16,0			-6,4	-6,9
Feijão em grão (*)	-15,0	-66,1	-79,8	-94,4	-40,4	-61,2	-57,1	14,8	-48,2	-61,2
Fumo em folha (*)			-27,4		49,6		-3,8	-48,7	-4,9	-7,4
mamona baga		-92,4	-75,9			-77,4			-75,5	-75,8
Mandioca	-13,7	-18,3	-38,4	-3,4	-8,1	-0,1	-2,2	-6,2	-11,2	-13,4
Milho em grão (*)	0,5	13,3	-86,5	-95,8	24,0	-80,8	-28,9	-18,1	-2,5	-19,4
Soja em grão	4,4	8,6							-8,5	-2,1
Sorgo em grão			-5,4	-92,6		-89,3			-76,3	-76,4

Fonte: IBGE

(*) Produto com mais de uma safra; (**) Levantamento em outubro de 2012

Um exame da tabela mostra que o Ceará, único estado com a área inteiramente contida no Semi-árido, apresentou todos os indicadores negativos, ou seja, a produção de todos os itens selecionados caiu, na comparação entre os anos 2011 e 2012, sendo que alguns indicadores foram de grande extensão de queda, como feijão -79,8%, milho -86,5% e amendoim -87,4%.

O Estado do Maranhão, com pequena área no Semi-árido, e mais extensão no Cerrado e Pré Amazônia, apresentou mais sinais positivos que negativos, indicando que sofreu menos os efeitos da estiagem, exceto para o arroz, com queda de -37,1%.



MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO
Secretaria de Política Agrícola
Departamento de Economia Agrícola
Coordenação-Geral de Estudos e Informações Agropecuárias

O Estado de Pernambuco, apesar de ter áreas na Zona da Mata e Agreste, teve apenas um sinal positivo e os demais negativos, evidenciando que foi também duramente atingido pela seca, com destaque para a intensidade da queda do feijão -61,2%, e milho -80,8%. A queda de produtos importantes como cana-de-açúcar cultivada na Zona da Mata -1,2%, e mandioca -0,1, foi de pequena monta.

O estado da Bahia, com grande extensão de sua área localizada no Semi-árido, mas com parte na Zona da Mata e no Cerrado, teve onze produtos com quebra de safra e dois com pequeno aumento, com destaque para feijão, do qual é importante produtor nacional, com queda de produção de -48,2%.

O Estado do Piauí, com mais área no Semi-árido e menos de Cerrado, teve aumentos de produção em algodão, milho e soja, e os demais negativos.

O Estado da Paraíba, com a maior parte da área no Semi-árido e menos no Agreste e Zona da Mata, teve três produtos com aumento de produção e outros cinco de diminuição de safra.

O Rio Grande do Norte, Inserido no Semi-árido, mas com pequena extensão na Zona da Mata e Agreste, teve um aumento e seis quedas de safra, sendo o estado que apresentou as maiores reduções percentuais nas lavouras de feijão, milho e sorgo.

Sergipe, localizado na Zona da Mata e Semi-árido, teve duas culturas com elevação na produção e cinco com perdas de safra, destacando-se o fato de ter sido o único estado do Nordeste a apresentar elevação na produção de feijão.

Da análise geral dos dados, percebe-se que os efeitos da estiagem na Região Nordeste foram muito grandes e diferenciados entre produtos e estados. O impacto da queda do feijão nos estados do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco e Bahia foi grande pela importância do produto para os estados e para a região. Da mesma forma, a grande frustração da produção do milho nos estados do Ceará, Rio Grande do Norte e Pernambuco. Arroz, mamona e sorgo também tiveram quedas importantes. As perdas consideradas grandes para a Região Nordeste não chegaram a comprometer a produção do país como um todo, que tem uma produção agrícola muito maior, e nem a comprometer o abastecimento.